

PORNOGRÁFICO COMO INSTÂNCIA DO ERÓTICO

Nos anais
do XXXVIII
Colóquio
do Comitê
Brasileiro de
História Da Arte

RICARDO H. A. ALVES

Professor da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Campus I da Universidade Estadual do Paraná. Doutor e Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

O PRESENTE trabalho analisa algumas concepções sobre o pornográfico presentes em comunicações de pesquisas apresentadas no XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (2018). Tendo como referência as pesquisas de Jorge Leite Jr. (2006), Nuno Cesar Abreu (2012), Fabián Giménez Gatto e Alejandra Díaz Zepeda (2017), foram investigados nove artigos publicados nos anais do evento. A análise de tais textos permitiu identificar tanto a dificuldade em estabelecer contornos precisos para diferenciar a pornografia do erotismo quanto diferentes concepções de pornografia.

PALAVRAS-CHAVE

Pornografia; Erotismo; História da Arte; Comitê Brasileiro de História da Arte.

RESUMEN

ESTE ARTÍCULO analiza algunas concepciones sobre la pornografía presentes en trabajos de investigación presentados en el XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (2018). Con base en las consideraciones de Jorge Leite Jr. (2006), Nuno Cesar Abreu (2012), Fabián Giménez Gatto y Alejandra Díaz Zepeda (2017), se investigaron nueve artículos publicados en las actas del evento. El análisis de dichos textos nos permitió identificar tanto la dificultad de establecer contornos precisos para diferenciar la pornografía del erotismo como las diferentes concepciones de la pornografía.

PALABRAS CLAVE

Pornografía; Erotismo; Historia del Arte; Comitê Brasileiro de História da Arte.

INTRODUÇÃO

EM 2018, realizou-se o XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Tal edição do evento, ao reunir pesquisadores de todo o país para compartilharem suas pesquisas, organizou-se ao redor do tema *Arte e Erotismo: prazer e transgressão na arte*. Sem dúvida, diante da série de perseguições e censuras infligidas à arte no país em 2017, o Comitê procurou se posicionar. Diante da recorrência absurda de investidas contra a cultura que atingiu principalmente artistas, obras e exposições ligadas aos domínios do *eros*, tal debate era não só necessário, mas oportuno.

Com um relativo distanciamento temporal, é possível afirmar que tais iniciativas de perseguição procuraram mobilizar a opinião pública a partir de denúncias falaciosas que tinham como objetivo estabelecer articulações com vistas às eleições de 2018. Nesse sentido, as perseguições a artistas como Wagner Schwartz, Maikon K e Renata Carvalho constituíram um movimento pouco interessado em arte. O mesmo pode ser dito dos ataques a exposições como *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, realizada no Santander Cultural, em Porto Alegre, que chegou a ser fechada prematuramente, e *Vestidos em Arte – Os Nus nos Acervos Públicos de Curitiba*, com curadoria de Stephanie Dahn Batista, realizada no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, que, apesar das perseguições, permaneceu aberta.

Após essas e diversas outras ocorrências semelhantes, a realização do seminário assinalou a preocupação em estabelecer no campo da História da Arte no Brasil um espaço privilegiado para a discussão do erótico e, por consequência, de aspectos a ele relacionados, como o próprio corpo e a dimensão pornográfica como instância no erótico. No entanto, ao longo da realização do evento e das sucessivas apresentações de trabalhos e subsequentes debates, percebi, junto de outros colegas pesquisadores, como os contornos e definições sobre o erótico e o pornográfico pareciam pouco explorados nas apresentações. Diante de tal situação, pensei que seria interessante aprofundar-me mais em tal debate, para então analisar os discursos sobre o erótico nos artigos publicados em decorrência do evento.

ENTRE O ERÓTICO E O PORNOGRÁFICO

Ao abordar as distinções entre o pornográfico e o erótico, Jorge Leite Júnior (2006) apresenta o termo grego *pornographos*, que trata de escritos sobre prostitutas, mencionando seus desdobramentos em momentos posteriores, como no século XVIII, quando se cunha o termo pornógrafo. Além disso, afirma que o termo erotismo surge no século XIX, sendo uma derivação adjetiva de Eros, deus do amor e da paixão carnal. Assim, o autor estabelece a origem de perspectivas que, apesar de abordarem o desejo sexual, operam em âmbitos distintos: o primeiro conceito está ligado à transformação do sexo em material de consumo, com um fim prático, associado à prostituição e ao explícito, enquanto o segundo flerta com o sublime e o sugestivo, algo que advém justamente de sua origem ligada a um deus e não às mulheres e à carne.

O antropólogo também afirma que, nessa dicotomia, o pornográfico é sempre o lado maldito, estando associado àqueles considerados *outsiders*, de forma que o erotismo costuma estar ligado aos grupos estabelecidos, evocando uma sexualidade refinada, elaborada e racional, não voltada ao prazer sexual em si mesmo, diferente da pornografia, instintiva e com fim prático. Seria possível, então, associar o erotismo ao campo da arte e identificar a produção de imagens para consumo sexual como pornografia. No entanto, Leite Júnior (2006) afirma que mesmo no interior da indústria cultural é possível identificar que os materiais consumidos por classes mais abastadas costumam ser identificados como eróticos, enquanto aqueles voltados aos mais pobres são chamados de pornografia, ainda que muitas vezes seus conteúdos sejam bastante semelhantes.

Ao longo do século XX, a indústria pornográfica irá se consolidar principalmente a partir de sua relação com a fotografia e as imagens em movimento, sendo estas últimas o objeto de estudo de Nuno Cesar Abreu (2012), que versa sobre o cinema e o vídeo pornográficos também conceituando sua relação com o domínio do erótico, destacando a impossibilidade de estabelecer precisamente sua divisão.

Recentemente, o campo da pornografia vem sendo reivindicado e discutido por grupos e indivíduos que apontam as limitações

de seus discursos hegemônicos, procurando construir outras formas de pensar a sexualidade na direção da pós-pornografia. Segundo Fabián Gatto e Alejandra Zepeda (2017, p. 11, tradução do autor), as iniciativas entendidas como pós-pornográficas “(...) compartilham uma semelhança familiar, uma espécie de impulso desconstrutivo diante da pornografia mais convencional, problematizando seus efeitos na sexualidade, nos corpos e nas corporalidades.”¹

Se costumeiramente o surgimento da pós-pornografia é associado ao trabalho da estadunidense Annie Sprinkle, no âmbito brasileiro é possível citar o pioneirismo do Movimento de Arte Pornô, articulado por Eduardo Kac (2013) no Rio de Janeiro no início dos anos 1980, a mesma década que comportaria o nascimento do termo pós-pornô por Sprinkle, em 1988. No entanto, para além das nomenclaturas, o esforço de Kac e de seus pares é contemplado pela posição de Gatto e Zepeda (2017), sendo caracterizado como uma apropriação de aspectos da pornografia para a produção de performances, textos e imagens que ultrapassavam a convencionalidade do que se entendia por pornô na época.

É diante da tensão entre tais temas que a presente pesquisa investiga como se desenvolveu o debate sobre o pornográfico no âmbito do XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Com este fim, conduziu-se uma investigação a partir dos anais² do evento, no qual constavam 99 textos de comunicações publicados. A busca pelo sufixo *porn* nos títulos, resumos e palavras-chave permitiu a seleção de 9 artigos, nos quais foram identificados termos como pornô, pornografia e pornochanchada. Tal estratégia procurou destacar em quais textos o tema poderia ter destaque, tendo em vista o caráter indexador de tais estruturas textuais em escritos acadêmicos. A partir de tal conjunto, foram realizadas análises que contemplaram a abordagem do aspecto pornográfico. Foi identificado que quatro deles se constituem a partir de discussões sobre correntes, movimentos e linguagens, enquanto os outros cinco abordam o erotismo a partir de sua relação com o trabalho de alguma ou algum artista específico.

1

No original: “(...) comparten un parecido de familia, una especie de impulso desconstrutivo frente a la pornografia más convencional, problematizando sus efectos en la sexualidade, los cuerpos e las corporalidades.”

2

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2018/anais/index.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.

O PORNOGRÁFICO NOS TEXTOS DO XXXVIII COLÓQUIO DO CBHA

Entre os textos que têm como objeto perspectivas mais amplas, *Dispositivos licenciosos: o nu fotográfico entre o deleite erótico e a criação artística*, de Niura Ribeiro (2018), apresenta o contexto do nu fotográfico na França do século XIX, debatendo suas diversas acepções, o que inclui seu entendimento como pornografia e também como material de referência para a produção de pinturas. Assim, o estatuto do nu fotográfico desliza entre categorias, podendo ser entendido apenas como pornografia ou como imagem artística, tema sobre o qual é difícil definir critérios precisos, ainda que certamente exista um reforço sobre a questão do pornográfico como o explícito. Um exemplo seriam as definições sobre como deveria ser o corpo no nu artístico acadêmico: pele branca, ausência de pelos pubianos e uma configuração corporal que evocasse as formas de uma estátua, características também esperadas em uma fotografia que não fosse pornográfica.

Por seu turno, Patrícia Delayti Telles (2018), em *Segredos de bolso: a miniatura erótica*, debate trabalhos de proporções diminutas a partir do contexto europeu, dedicando especial atenção para os intercâmbios entre Portugal e Brasil, centrando seu interesse no período compreendido entre 1750 e 1840, quando tais objetos tiveram ampla circulação. Assim como Ribeiro (2018), a autora destaca a dificuldade no estabelecimento da diferença entre o erótico e o pornográfico, e menciona também os pelos corporais como elementos das representações pornográficas.

Victor Vigneron de La Jousselandière (2018), em *Nem pornografia, nem chanchada: a moral do erotismo em Paulo Emilio Sales Gomes*, discute a obra do crítico de cinema paulistano, compreendendo seu debate sobre a pornochanchada, problematizada em textos publicados na década de 1970. Gomes critica o fato de tais filmes não serem necessariamente pornográficos, condenando o exagero do apelo erótico presente em seus títulos, que, desvinculados do conteúdo da película, enunciavam uma pornografia que não se materializava nas imagens.

Em uma outra direção, *Ruin porn: o fetiche da ruína na era pós-industrial*, de Rafael Fontes Gaspar (2018), debate o conceito de

pornografia de ruínas, que seria um termo corrente na contemporaneidade para descrever o interesse e fascínio por imagens de ruínas.

O filósofo busca fazer justiça aos cantos escondidos e mofados da história da única forma possível: utilizando-os⁵. Sendo assim, é com a utilização dessas imagens formadas no passado em contraponto a essas imagens resgatadas no presente, o limiar entre elas, a intersecção por meio do choque temporal que trará a imagem dialética. “É o passado colocando o presente numa situação crítica”:

Com o aumento das buscas por fotografias de ruínas, as mídias sociais se encarregaram de intitular a expressão *ruin porn*, bem como, *food porn* e *travel porn*. Esse neologismo empregado atualmente através da concepção *porn*, expressa uma “glamourização” das fotografias nas redes sociais, como a proliferação do registro fotográfico de pratos de comidas, identificados pela expressão *food porn* (GASPAR, 2018, p. 930).

Assim, o autor discute o interesse por ruínas a partir de um termo recentemente utilizado no contexto das redes sociais que utiliza *porn* como indicador de desejo e não pertencente ao âmbito das imagens sexuais. É uma interessante perspectiva, na qual o termo parece ser esvaziado de seu sentido corrente. Para Kac (2013, p. 47), usos do termo como esse indicam a popularização do conceito de pornografia:

Um sintoma dessa mudança é que o uso do termo “pornô” expandiu-se para outras áreas da sociedade. As expressões *food porn* (pornografia gastronômica) ou *architecture porn* (pornografia arquitetônica), por exemplo, tornaram-se lugar-comum; elas não designam uma associação da sexualidade aberta com a gastronomia ou o ambiente construído, mas descrevem um certo estilo de apresentação visual, especialmente atraente, da culinária e dos espaços projetados.

No grupo composto por análises baseadas em trabalhos de artistas específicos, também se encontram importantes conside-

rações e posições diante do pornográfico. Sissa de Assis (2018), em *O prazer da mulher nas pinturas de Clarice Gonçalves*, debate a iconografia da artista incluindo algumas obras explícitas, que são associadas ao pornográfico e ao pornofeminismo. Assim, a obra de Gonçalves é inscrita no horizonte da releitura da pornografia hegemônica por artistas mulheres que se apropriam de seu caráter explícito em outras direções.

O artigo *O que há de subversivo no amor: o erotismo no cinema situacionista*, de Gabriel Zacarias (2018), se debruça sobre obras de Guy Debord e principalmente de René Viénet. O debate sobre o pornográfico aparece no comentário sobre um filme de Viénet, *Les Filles de Kamare* (1974). Produzido a partir de apropriações de outros filmes, atendendo à perspectiva do desvio situacionista, a obra em grande parte remonta o filme japonês *Terryfing Girl High Scholl* (1973), de Norifumi Suzuki, com outras legendas, incluindo algumas sequências ao material original.

Segundo Zacarias, Suzuki afirmara que procura fazer um pornô subversivo. Para o pesquisador, a obra é também mais pornográfica, pois inclui cenas de sexo gravadas por Viénet, o que desafiaria as convenções da indústria pornográfica. Por sua vez, o caráter subversivo da obra advém das legendas, que incluem debates feministas e críticas à violência colonial francesa inseridas em cenas de um filme que originalmente aborda sessões de tortura sádica entre mulheres.

Maraliz Christo (2018), em *O sátiro, a mulher, o gato e o incenso: a trajetória de um desenho de Calixto Cordeiro*, se detém sobre uma obra de contornos eróticos. No entanto, o comentário sobre o pornográfico ocorre quando se contextualiza a produção do artista, que atuou em diversas revistas ilustradas, incluindo as primeiras revistas consideradas pornográficas editadas no país: *O Rio Nu* (1898–1916), *O Riso* (1911–1912) e *A Maçã* (1922–1929). É interessante perceber que Christo apresenta brevemente o conteúdo de tais publicações, que parece bastante brando, ao mesmo tempo que enfatiza no texto o fato das revistas serem ‘consideradas’ pornográficas, o que parece uma tentativa da autora de se distanciar dessa classificação. Assim, ela procura ser fiel ao termo corrente na época, mas ao mesmo tempo desloca-se desse sentido na direção de uma outra classificação possível

na atualidade para tais trabalhos.

Bianca Andrade Tinoco (2018), em “*Eu sou o melhor que eles têm*”: a potência de Lyz Parayzo, puta-pornô-terrorista, aborda o trabalho *Parayzo Carioca* (2016), folheto da artista trans Lyz Parayzo. O uso do termo pornô ao lado de terrorista no título parece evocar o aspecto do pornoterrorismo, mas esse termo não é repetido no corpo do texto, apesar da produção da artista indicar tal perspectiva. Além disso, o termo pornográfico só aparece mais uma vez no artigo, quando, em sua conclusão, a autora discorre sobre o fato da obra ser quase pornográfica. Nesse sentido, o fato de Parayzo se inspirar em impressos de prostituição reforça a ligação do trabalho sexual com a pornografia, como postulado por Leite Júnior (2006).

Por fim, Carolina de Almeida Vecchio (2018), em *Nobuyoshi Araki e Ren Hang: Reflexões Sobre Estética, Erotismo e Pornografia*, analisa o trabalho fotográfico do japonês Araki e do chinês Hang, procurando discutir as diferenças entre a pornografia e o erotismo com maior profundidade, destacando-se dos outros artigos analisados neste trabalho. Sua principal referência é a diferenciação estabelecida por Roland Barthes a partir dos conceitos de *studium* e *punctum*, oriundos de sua teoria sobre a fotografia. Assim, o entendimento da imagem pornográfica como unitária e clara (*studium*) e da erótica como aquela na qual o sexo não é central e na qual existe atenção para outros elementos (*punctum*) é aproximado da teoria de autores como Hans Maes, que debate a discussão sobre o pornográfico como explícito e o erótico na direção da sutileza e da sugestão.

Importante salientar que a autora problematiza a teoria de Barthes a partir da fratura entre prazer estético e prazer sexual estabelecida pela teoria estética moderna ocidental, a qual prevê o prazer estético como aquele desprovido de interesse, diferente do sexual, que possui uma finalidade. Além disso, Vecchio (2018) comenta o entendimento de que o prazer estético seria pretensamente universal enquanto o sexual seria particular, outra diferença que afastaria a arte da sexualidade. Nesse sentido, ela problematiza tal concepção ocidental de estética baseada nos preceitos kantianos em oposição a perspectivas tradicionais orientais que não apresentam uma diferenciação entre arte e pornografia.

Por fim, para além da oposição entre erotismo e pornografia, Vecchio (2018) indica a dificuldade em trabalhar a partir das categorias de Barthes, tendo em vista como estes aspectos parecem ser instáveis para uma análise mais precisa. Tanto a simultaneidade entre aspectos eróticos e pornográficos em um mesmo trabalho quanto a subjetividade do entendimento dessa diferenciação seriam fatores que dificultam o estabelecimento de limites precisos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de apenas Vecchio (2018) apresentar uma investigação que aprofunda a discussão entre o erótico e o pornográfico, identificando a dificuldade em estabelecer seus limites, Ribeiro (2018) e Telles (2018) apresentam informações importantes sobre essa mesma questão. Nesse caso, ambas debatem a iconografia como indício para uma possível classificação, comentando o caráter pornográfico da representação dos pelos corporais, mas também entendendo como permeáveis as fronteiras entre esses dois âmbitos.

É possível, então, pensar que a imagem dos pelos corporais é um índice que representa um limite entre o erótico e o pornográfico. No entanto, trata-se de uma questão iconográfica, e não simplesmente de um tipo de imagem mais ou menos explícito, pois é possível supor que o mesmo corpo sem ou com pelos poderia ter interpretações bastantes distintas. No entanto, o decoro que solicitava aos nus serem próximos às imagens de estátuas (RIBEIRO, 2018) parece indicar uma representação relativamente distanciada da mimese do corpo humano, na direção de uma imagem pálida, em poses ensaiadas e sem pelos.

A ambiguidade entre o pornográfico e o erótico também está presente no texto de Christo (2018), quando a pesquisadora reforça o fato das revistas serem consideradas pornográficas, apesar de seu conteúdo facilmente associado ao erotismo. O mesmo ocorre no debate sobre o conceito de pornochanchada (LA JOUSSELANDIÈRE, 2018), problematizado justamente por não corresponder a um equivalente visual pornográfico. Nesse sentido, tais filmes parecem estar muito mais próximos ao erotismo. Contudo, o caráter popular do termo pornografia, associa-

do ao consumo de classes menos favorecidas, como enunciado por Leite Júnior (2006), pode explicar a utilização de um termo como esse com fins comerciais. Assim, não só o termo poderia funcionar com uma espécie de propaganda, como assinalaria o público ao qual se destina.

Nesse sentido, se o texto de Gaspar (2018) indica no uso do termo *ruin porn* um deslocamento que associa o desejo por imagens de ruínas como análogo ao desejo por imagens pornográficas, em outros trabalhos é possível encontrar desdobramentos referentes à dimensão sexual e política da pornografia. Nesse sentido, o pornô-terrorismo (TINOCO, 2018), o pornofeminismo (ASSIS, 2018) e o pornô subversivo (ZACARIAS, 2018) parecem indicar as possibilidades de um pensamento pós-pornográfico que não só propõem outras perspectivas sobre a pornografia, mas que também tensionam suas relações com o erotismo, tema debatido por Kac (2013) ao debater a amplitude do conceito de pornografia na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. C. **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. São Paulo: Alameda, 2012.

ASSIS, S. A. B. O prazer da mulher nas pinturas de Clarice Gonçalves. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 179.

CHRISTO, M. O sátiro, a mulher, o gato e o incenso: a trajetória de um desenho de Calixto Cordeiro. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 129.

Kac, Eduardo. O Movimento de Arte Pornô: a Aventura de uma Vanguarda nos Anos 80. *Ars*, São Paulo, V. 11, n. 22, 2013, p. 31-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2013.80655>>. Acesso em 30 mar. 2021.

GASPAR, R. F. Ruin porn: o fetiche da ruína na era pós-industrial. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 929.

GATTO, F. G.; ZEPEDA, A. D. (orgs.). **Pornologías**. Ciudad de México: La Cifra, 2017.

LA JOUSSELANDIÈRE, V. S. V. Nem pornografia, nem chanchada: a moral do erotismo em Paulo Emilio Sales Gomes. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 199.

LEITE JÚNIOR, J. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia “bizzara” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

RIBEIRO, N. L. Dispositivos licenciosos: o nu fotográfico entre o deleite erótico e a criação artística. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 583.

TELLES, P. D. Segredos de bolso: a miniatura erótica. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 896.

TINOCO, B. A. “Eu sou o melhor que eles têm”: a potência de Lyz Parayzo, puta-pornô-terrorista. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 765.

VECCHIO, C. A. Nobuyoshi Araki e Ren Hang: Reflexões Sobre Estética, Erotismo e Pornografia. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 71.

ZACARIAS, G. F. O que há de subversivo no amor: o erotismo no cinema situacionista. In: COLÓQUIO DO COMITE BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 38., 2018, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CBHA, 2018. p. 97.